

Biblioteca Estufa

Organização:

Mariana Guimarães

Simone Moraes

Textos:

Fabiana Éboli Santos

Juliana Machado

Karlla Giroto

Rubia Luiza da Silva

Tanja Baudoin

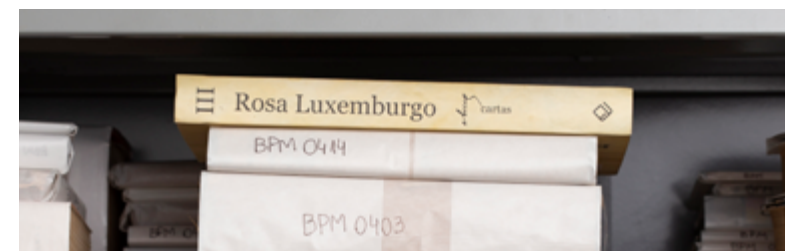
BIOLIO
E5TU

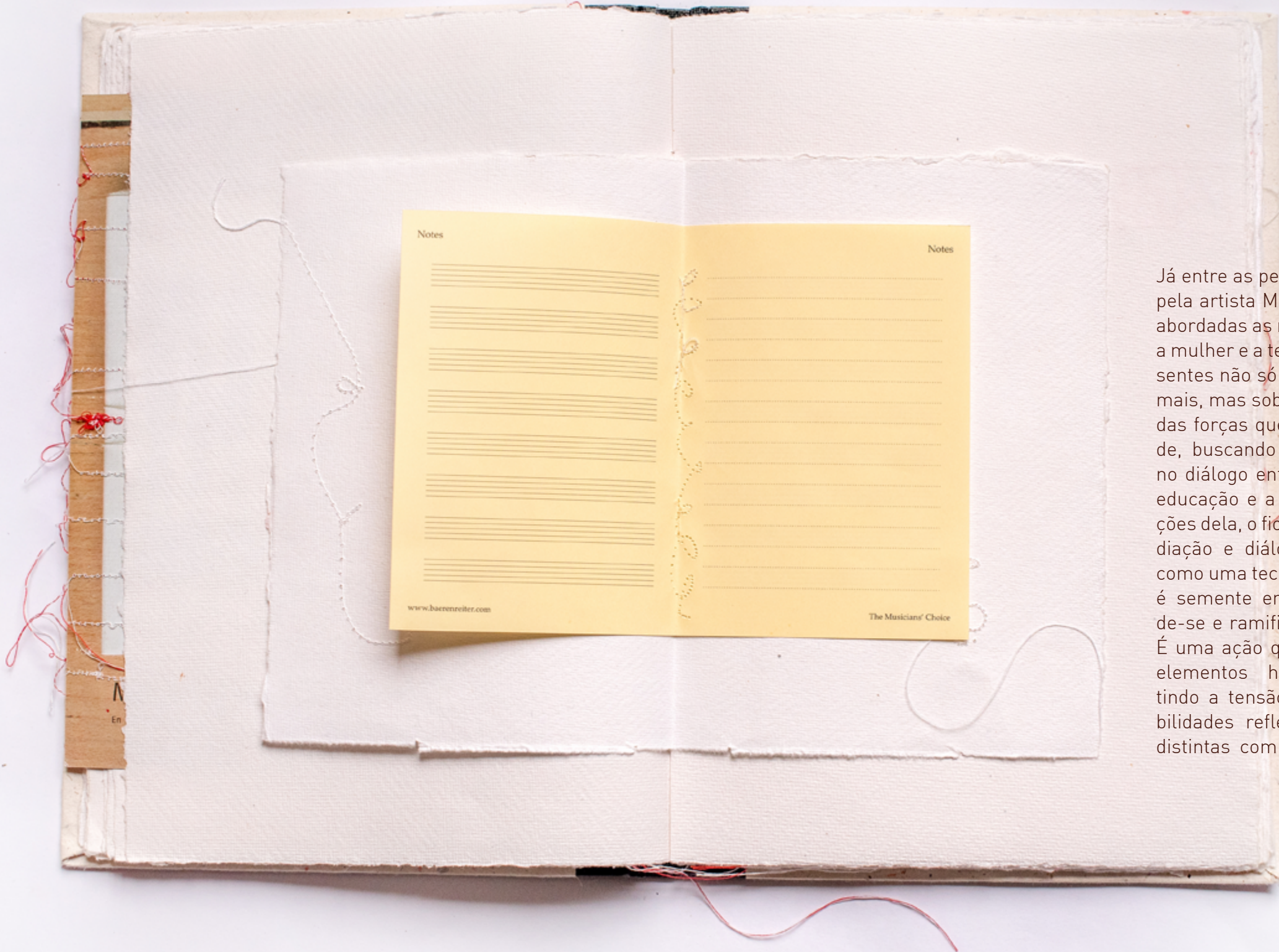


Biblioteca Estufa é uma ocupação realizada na Biblioteca | Centro de Documentação e Pesquisa da Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage no mês de outubro de 2019. O projeto nasce do convite da curadora Tanja Baudoin às artistas Mariana Guimarães e Simone de Moraes que, ao longo de ambas trajetórias, vêm pesquisando as relações e aproximações entre a arte, natureza, literatura e feminismos.

A obra parte de diferentes experiências das artistas em projetos anteriores realizados separadamente, como Biblioteca Ausente, realizado por Simone Moraes em 2019 no Museu de Arte de Ribeirão Preto Pedro Manuel-Gismondi (MARP), e estufas, feito pela artista Mariana Guimarães.

Biblioteca Ausente foi um trabalho efetuado pela artista Simone Moraes, dentro do projeto do diretor Nilton Campos e das equipes de inventário, higienização e catalogação dos livros da biblioteca Pedro Manuel-Gismondi. Essa residência artística no MARP teve curadoria de Galciani Neves e Nilton Campos. Ao observar a enorme ausência de autoras mulheres na biblioteca, menos de 5%, e com intuito de suprir essa falta, Simone Moraes convoca as artistas que participavam da exposição Biblioteca: floresta a indicarem livros de escritoras e artistas. Por sua vez, estes livros foram infiltrados clandestinamente no acervo.





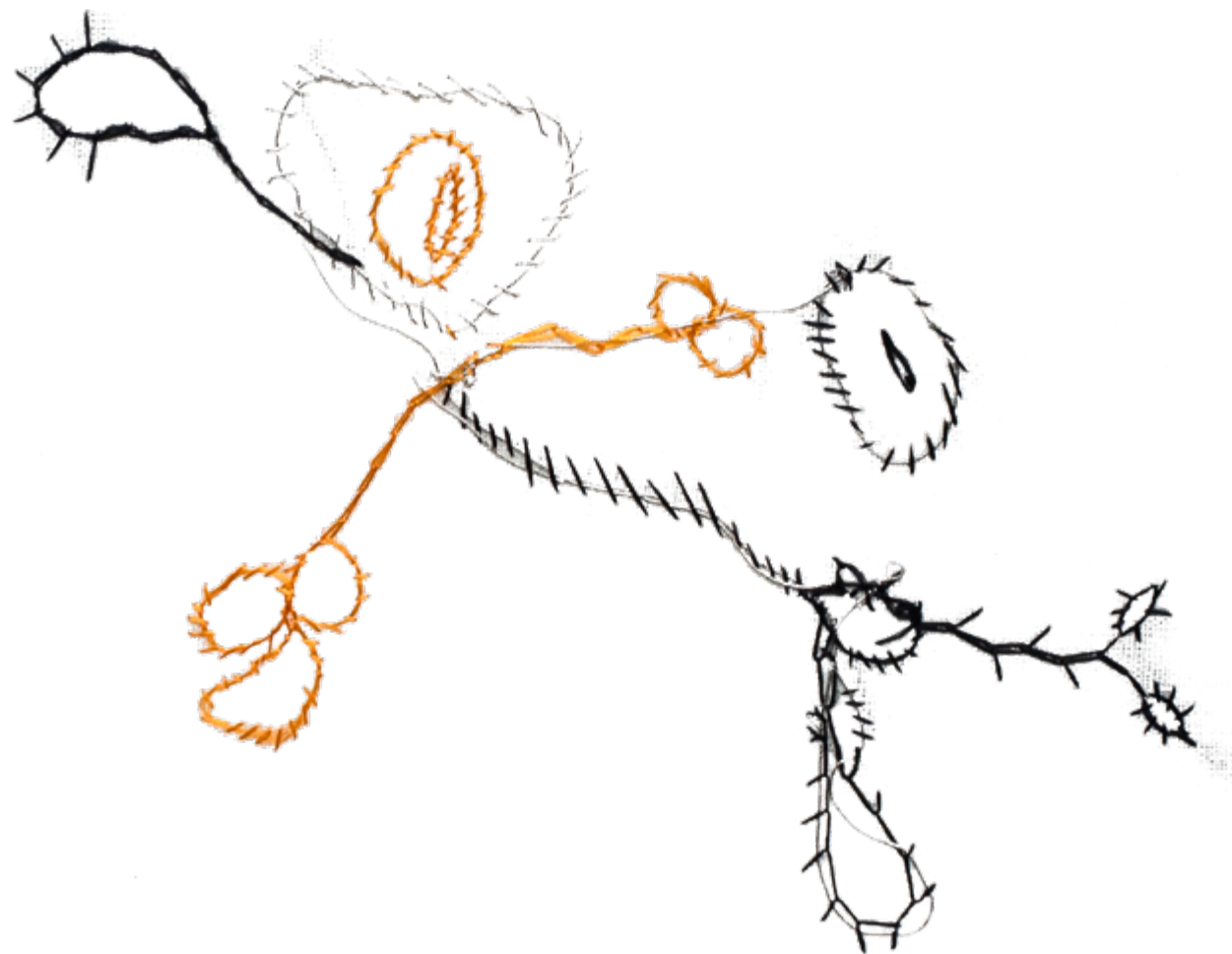
Já entre as pesquisas desenvolvidas pela artista Mariana Guimarães são abordadas as relações entre o tecer, a mulher e a terra. Assim, estão presentes não só em investigações formais, mas sobretudo, na cartografia das forças que compõem essa tríade, buscando ecos e ressonâncias no diálogo entre as artes visuais, a educação e a clínica. Nas observações dela, o fio é o dispositivo de mediação e diálogo, apresentando-se como uma tecnologia biológica. O fio é semente em movimento, expande-se e ramifica-se na trama têxtil. É uma ação que articula no estudo elementos heterogêneos, permitindo a tensão de inúmeras possibilidades reflexivas e experiências distintas com o objeto investigado.



Nesta ocupação, buscou-se criar tensão entre o texto, o tecer, a mulher e a terra, por meio de experiências de construção de instalações de pequenas estufas e plantio de mudas. Cabe mencionar que as estufas foram montadas pela primeira vez na exposição Dissecada, realizada em 2018 no Ateliê 456 na Gávea.



Em uma proposta mediada pela curadora Keyna Eleison, um grupo composto por 14 mulheres artistas teve como premissa o estudo e discussão coletiva durante um mês sobre questões relacionadas a violência de gênero e feminismo. A obra nasce desse diálogo entre as relações da mulher, da terra, e dos processos de transformação e germinação e ativação de novas existências. As primeiras mediações entre as artistas foram realizadas por meio do diálogo com Keyna, que na época era coordenadora de educação da EAV do Parque Lage. A proposta consistiu na realização de projetos individuais de cada artista, elaborados durante uma semana, contando com a colaboração uma das outras, além da curadora, da equipe da biblioteca e de uma convocatória de mulheres.



"A obra nasce desse diálogo entre as relações da mulher, da terra, e dos processos de transformação e germinação e ativação de novas existências."



Marcia Julia
A. 2018. 55

Julian
P.

Lúcia H.
P. 2014

Tânia Queiroz
Vanessa Rocha
PL. 2018

Tânia Queiroz
Vanessa Rocha
PL. 2015. 23

Tânia Queiroz
Vanessa Rocha
PL. 2018.

7.038.6(8)
N899
2012
ex.1
PL.2016

7.038.6(8)
C23
200
ex.

05-339018
V199
2002

071
772
013

071(81)
E74
2014

071(81)
E74a
2014
ex.2
2015.234

071(81)
E74c
2012
ex.2
2018.12

071
E74
20
ex.
20

7.071
013
2009
v. 2
2015.10

VALORES

EM CONSTRUÇÃO - NE

DELVISTAS

DELVISTAS

Vol. 3

VOL. 1

AS

Vol. 4



Simone Moraes, listou livros e catálogos da Biblioteca da EAV do Parque Lage escritos e/ou organizados por mulheres. A partir do inventário do acervo de 10 mil títulos, foram identificados apenas 636 livros escritos ou organizados por mulheres. Menos de 7% do total. As obras foram sinalizadas nas prateleiras escrito em placas de classificação de plantas, criando uma intervenção nas estantes, apontando a presença de mulheres entre a predominância de homens.

Mariana Guimarães realizou pequenas instalações botânicas na Biblioteca e na área externa da EAV, criando paisagens ao instaurar estufas, plantios e flores pelos espaços. Na compreensão da artista, plantas e sementes nos ensinam sobre flexibilidade e resistência a partir das estruturas descentralizadas e colaborativas, apontando caminhos e respostas para novos modos de estar, ser e pensar.



Growth
10/10/10

auscultar as seivas das árvores



Após a coleta dos dados dos livros, 636 sementes nativas na Mata Atlântica foram coletadas no entorno do Parque Lage e confeccionadas como pequenas bombas de sementes para ativação em uma ação em uma área verde com crianças e outras mulheres. Assim, arremesaram sementes e convocando simbolicamente a germinação de espaços. A ação foi idealizada pela pequena Rosa Guimarães.

Também foi realizada a atividade de auscultar as seivas das árvores, de Carolina Moraes e Simone Moraes. Deste modo, dialogamos com diversas espécies para imaginar um futuro que convoque para as bibliotecas, bibliografias, arte e vida tantas outras mulheres potentes que são invisibilizadas por um sistema dominante capitalista, colonial, misógino e racista.

Acreditamos na produção coletiva de fazer ver, encarnar e instituir políticas no micro e no macro para mudar coleções, acervos, catalogações, relações, afecções.

Plantar sementes para ver nascer novas florestas, mais diversas, plurais e assim respirar um ar possível para um futuro outro.

Revelamos alguns dados, compartilhamos de momentos coletivos, na catalogação dos livros, na feitura de estufas, através do diálogo com outras participantes que se dispuseram a estar conosco, como a artista e escritora Fabiana Santos e outras tantas mulheres. Em roda, refletimos junto a instituição, com a presença da artista Karlla Giroto, sobre os caminhos para um futuro possível, dialogando sobre a experiência vivida.



"Plantar sementes para ver nascer novas florestas, mais diversas, plurais e assim respirar um ar possível para um futuro outro."



Agradecemos a Escola de Artes Visuais do Parque Lage e à equipe da Biblioteca pela acolhida generosa de Tanja Baudoin e das bibliotecárias Juliana Machado e Rubia Luiza. Estas apontaram questões diversas sobre a catalogação de livros de artistas e a formação do acervo, contribuindo muito para as reflexões acerca dos dados. Também agradecemos a Fabiana Santos, Karlla Giroto e a todas as mulheres que colaboraram com essa ação.

Lançamos sementes!

Mariana Guimarães
Simone Moraes



Quantos
livros
escritos
por mulheres
você tem
na sua
biblioteca?

arranjos de flores e livros

Tanja Baudoin

Estou olhando uma foto que mostra Simone Moraes arrumando as flores que um jameiro do Parque Lage deixou cair no chão. Lembro-me de outra imagem, a de um arranjo de pétalas de flores feito 30 anos antes no mesmo local pela artista Lia do Rio (imagem página 33). Lia fez várias obras na Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage, muitas delas instalações site-específicas efêmeras, feitas com materiais orgânicos e que ligavam profundamente a arte ao mundo natural. As duas fotos, lado a lado, me fazem pensar nas maneiras sutis pelas quais as artistas podem chamar a atenção para o que já está ao nosso redor e que só precisa ser percebido.

Imagino que, para Simone, organizar aquelas flores em linha foi um simples gesto de conectar-se com o que ela encontrou no parque. Apenas um momento para reunir seus pensamentos enquanto passava um tempo lá. Estava ali para realizar um trabalho em conjunto com Mariana Guimarães, com quem concebeu o projeto Biblioteca Estufa. A ação era uma espécie de residência, uma ocupação de dez dias na Biblioteca | Centro de Documentação e Pesquisa da EAV que a ligava ao parque com o objetivo de construir um diálogo íntimo entre as mulheres escritoras presentes no acervo de livros e as espécies de flores presentes no entorno.



Nesse período, Simone e Mariana articularam várias micro-ações: criaram pequenas instalações de mudas, sementes, bordados, cartazes, desenhos, flores e micro-estufas na Biblioteca entre as estantes e também em cima delas, sobre uma mesa e também na varanda. Juntas, organizamos uma tarde de inventário coletivo de livros escritos por mulheres no acervo de livros de arte da EAV. Com uma chamada aberta para “mãos amigas”, formamos um grupo de mulheres e contamos os livros escritos e editados por mulheres. Escrevemos os nomes dessas mulheres em pequenas plaquinhas, usadas para identificar plantas, que colocamos entre os livros. Dessa forma, descobrimos que, embora existam muitos livros escritos sobre mulheres artistas, os escritos e editados por mulheres representam apenas cerca de 6% do acervo total de livros.



Conversamos sobre os motivos disso e como essas informações podem desencadear pesquisas futuras para a Biblioteca. O tema também fez parte de uma conversa na varanda no dia final do projeto, com a participação especial de Karlla Giroto. Este encontro colocou em primeiro plano as atividades de Simone e Mariana e terminou com um exercício sensibilizante de ausculta das árvores no parque e com uma distribuição coletiva de 636 sementes recolhidas no parque. Cada semente representava uma das autoras femininas da Biblioteca, e devolvê-las ao parque expressava um desejo coletivo de celebração pelo florescimento futuro dos esforços editoriais femininos.



um desejo coletivo de celebração pelo florescimento futuro dos esforços editoriais femininos.



O projeto estava integrado a um projeto de pesquisa abrangente que ocorreu na Biblioteca durante o segundo semestre de 2019 denominado Hospedando Eco-Sensorial. Isto desenvolveu-se a partir de uma exposição feita na EAV Parque Lage em 1992, chamado Eco-Sensorial – extrativismo urbano. Essa exposição havia ocorrido originalmente na mesma época da ECO-92, Conferência das Nações Unidas que aconteceu no Rio de Janeiro naquele ano. A ECO-92 não só uniu líderes mundiais para discutir os problemas ambientais, mas também associações sociais, incluindo grupos indígenas e o movimento de mulheres, que se juntaram em várias novas iniciativas. Foi também um momento fundamental em que os artistas se envolveram com as questões ambientais. Os artistas da exposição na EAV Parque Lage entendiam a cidade e o ambiente natural como indissoluvelmente ligados, e se aproximavam da paisagem urbana como uma reserva generosa de onde colher inspiração para fazer obras de arte.

“Hospedar” na Biblioteca alguns dos materiais de arquivo desta exposição de 1992 e as temáticas contempladas por ela foi uma forma de explorar narrativas e visões do mundo desenvolvidas em paralelo àquelas hegemônicas em um momento em que as questões ecológicas são ainda mais urgentes. Houve uma pequena exposição no espaço e, na varanda, várias rodas de conversas com palestrantes convidados.

A Biblioteca Estufa foi uma parte importante deste projeto que conseguiu estabelecer relações diretas entre o parque e a Biblioteca como dois espaços interligados de aprendizagem e intercâmbio. Por meio da vinculação desses locais como parte de uma ecologia de empatia, foram questionadas noções essencialistas de natureza e cultura como categorias distintas. Afinal, se o parque representa a “natureza”, basta lembrar que o próprio Parque Lage é feito pelo homem, desenhado a exemplo de jardins europeus, e por isso é tão cultural como a própria Biblioteca. Além disso, a Biblioteca Estufa abordou a questão da igualdade de gênero como parte de preocupações ambientais e sociais mais amplas. Uma abordagem ecofeminista ressonante aos debates feministas que fizeram parte das reuniões da ECO-92 anos atrás. As lacunas na coleção de livros do Parque Lage constituíram um estudo de caso para uma discussão crítica sobre a ausência das mulheres em outros lugares, no campo da arte e na sociedade. Ao mesmo tempo, pelo fato de o projeto valorizar a Biblioteca como parte de uma ecologia de relações mais abrangente, poderia ser considerado o potencial além do local físico e as formas como a coleção poderia se desenvolver no futuro.





Ao passar pelas estantes de livros da Biblioteca da EAV, pode-se perceber que ela exhibe os traços da própria história e crescimento, como os anéis de uma árvore. A maior parte dos livros estão ordenados cronologicamente de acordo com o momento em que entraram no espaço, o que dá uma impressão idiossincrásica da história das doações recebidas ao longo dos anos pelas pessoas que passaram pela escola. Além deste fato curioso, a Biblioteca segue todos os princípios de organização de uma biblioteca regular: cada livro tem o próprio lugar na estante, com um número que corresponde a um dígito no catálogo. É um formato estável, mas rígido, que faz parte do sistema de classificação moderno, fundado no impulso humano de organizar o ambiente. Agora reconhecemos isso como um princípio predominantemente ocidental e patriarcal que muitas vezes se manifesta de forma opressora ou destrutiva. O acervo de livros, portanto, reflete uma predominância de autores do sexo masculino, de artistas do sexo masculino e de uma história da arte contada a partir da perspectiva europeia e norte-americana. Junto com artistas e pesquisadores como Simonee Mariana, a equipe da Biblioteca tenta criar outras leituras possíveis do acervo. Um aspecto mais profundo desses esforços envolve também um questionamento do próprio sistema e das raízes que o sustentam.

Esses pensamentos me vêm à mente quando olho para aqueles padrões de flores no chão do Parque Lage, feitos primeiro como uma obra de arte por Lia do Rio e ecoados por Simone Moraes anos depois. Ambos exibem essa intuição humana de trazer ordem ao ambiente caótico, mas de uma forma completamente diferente dos sistemas dominantes. A maneira de enxergar delas é efêmera e porosa, um posicionamento possível do que elas encontraram ao chegar ao parque. Assim como os muitos exemplos históricos de práticas de land art por mulheres artistas, que tendem a desenvolver obras menos invasivas e mais integradas ao local natural do que as obras de colegas homens. A palavra “arranjo” vem à minha mente, da forma como é usada pela artista Louise Lawler para descrever composições fotográficas de obras de arte que ela encontra em galerias e casas de pessoas. Para ela, um “arranjo” é um enquadramento subjetivo ou uma leitura de uma cena. A palavra sugere uma organização possível entre outras possibilidades, bem como uma consideração da harmonia dos diferentes elementos reunidos. Podemos imaginar o arranjo de flores como modelo para um acervo de livros? Qual seria a aparência disso? A Biblioteca Estufa plantou a semente desse pensamento, entre muitas outras.





Para uma
biblioteca
florescer
é necessário
uma diversidade
de sementes.



*A Biblioteca Escola de Artes Visuais
Parque Lage como espaço de integração*

Juliana Machado e Rubia Luiza da Silva

A Biblioteca | Centro de Documentação e Pesquisa da Escola de Artes Visuais do Parque Lage não registra histórico da criação. Há apenas três livros de tombo que indicam o funcionamento na época do IBA - Instituto de Belas-Artes. O primeiro deles, intitulado como “Instituto de Belas-Artes: Biblioteca: Registro de livros e revistas”, cobre o período de 1957 a 1960.

Por meio de reportagens recuperadas pelo projeto Memória Lage, realizado em 2014, acredita-se que a primeira biblioteca localizada no espaço do Parque Lage foi originalmente criada a partir da associação dos Amigos de Augusto Frederico Schmidt (1906-1965). Ele foi um poeta carioca modernista que, segundo consta nas notícias, gostava de frequentar o Parque e era de onde retirava inspiração para a escrita de livros.

Quando a fundação da Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage nasce com Rubens Gerchman, em 1975, a Biblioteca da EAV permaneceu no local, não há registros de antigos bibliotecários(os) ou atividades exercidas neste período, o que se sabe, são as mudanças físicas do acervo, que já passou pela Sala de desenho e pelo Auditório do palacete.

Em 2014 o espaço foi cedido para administração de uma Organização Social (OS), sob direção de Márcio Botner e curadoria de Lisette Lagnado. A partir deste período, começa um projeto para a renovação da Biblioteca da EAV, em que há um investimento na equipe para melhorar o acesso ao acervo da Biblioteca. No ano de 2015, pensa-se numa biblioteca como um espaço cultural, em que a ideia de uma biblioteca, antes só era acessada a partir de agendamento, torna-se acessível para o público em geral. Oferecendo assim um espaço autônomo e pensado para proporcionar aos visitantes, tanto da escola quanto do público externo, experiências que motivam a curiosidade para buscar informação e conhecimento por meio da leitura e das atividades.

Com a missão de fomentar inúmeras atividades socioculturais educativas, ligadas às artes visuais contemporâneas, como palestras, aulas abertas, cursos, conversas abertas, clubes de leitura, performances, instalações etc., a Biblioteca EAV também parte da ideia da disseminação da informação a partir do acesso ao conteúdo que faz parte do acervo.



“Oferecendo assim um espaço autônomo e pensado para proporcionar aos visitantes (...) experiências que motivam a curiosidade para buscar informação e conhecimento por meio da leitura e das atividades.”

A Biblioteca da EAV é especializada em artes visuais com enfoque em arte moderna e contemporânea e parte do princípio a permissão de interagir com o acervo em geral, em que a consulta é livre. Essa concepção de não se criar impedimentos de acesso aos livros parte da influência de Paulo Freire. Ele diz:

“Toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional”

(ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 92 apud ARAÚJO, Carlos Alberto A., 2018, p.57).

Para além do nosso acervo de catálogos, livros, periódicos, folders, há também uma pequena coleção de livros de artistas. O acervo destas publicações da Escola de Artes Visuais do Parque Lage é pequeno e relativamente novo. A coleção teve início em 2016 com a curadoria de Ana Luiza Fonseca e possui acesso livre às estantes com a ideia de que o público possa tocar e interagir com as obras.





Stephen Bury (1995) defende que “livros de artista são livros ou objetos em forma de livro; sobre os quais, na aparência final, o artista tem um grande controle. O livro é entendido nele mesmo como uma obra de arte. Estes não são livros com reproduções de obras de artistas, ou apenas um texto ilustrado por um artista. Na prática, esta definição quebra-se quando o artista a desafia, puxando o formato livro em direções inesperadas”. De forma simplificada, o livro de artista é um objeto em constante mudança, não possui limites, os parâmetros são determinados apenas pela imaginação do artista.

Abordar descritivamente e de modo acessível um livro de artista, para um bibliotecário, muitas vezes é desafiador. Identificar se não é apenas um catálogo diferente, por não possuir regras para sua publicação, catalogar sempre é um processo singular.

Acreditamos que dar acesso a essas obras é importante, apesar de toda a complexidade do material, também é papel da(o) bibliotecária(o) estimular o pensamento crítico. Com isso é fundamental ressaltar a potencialidade dos livros de artista para o processo educacional.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que é Ciência da Informação. Belo Horizonte: Kma, 2018. 126 p. Disponível em: <http://casal.eci.ufmg.br/>. Acesso em: 23 fev. 2021

BURY, Stephen. Artists' Books: The Book As a Work of Art, 1963–1995. Scolar Press, 1ª edição. Leicester, England; 1995.



Biblioteca
dirigida
por mulheres
com apenas 6%
de livros escritos
por mulheres.

Impressões da convidada - um olhar político

Fabiana Éboli Santos

Em várias culturas do Oriente existe a ideia do poder do sutil, força que opera pela constância e a firmeza de intenção, nem sempre associada ao universo feminino. Esta primeira sensação-associação com a Biblioteca Estufa, de Mariana e Simone, deve-se à proposta do trabalho e à prática potente da colaboração. Repetição e resiliência numa série de ações destinadas a movimentar energias de transformação.

Fui uma das “mãos amigas”, convidadas a participar no processo de fazer brotar, dentro da biblioteca da EAV, um olhar atento à produção literária e artística de mulheres. Para – literalmente – plantar a ideia, a ação inicial foi destacar os livros de autoria feminina, em meio a uma maioria avassaladora de livros de autoria masculina no acervo.



Para todas nós que trabalhamos no circuito das artes visuais, convivendo com a dominância dos homens e, não raro, com a misoginia – principalmente quando a mulher está em posição de macro ou micro poder – esta maioria é um sintoma.



Volta e meia nos encontramos entre a “permissão” para um papel coadjuvante e a interdição velada ou explícita do protagonismo. Há uma falta de cerimônia, digamos assim, na apropriação do trabalho feminino pelo homem. Numa palavra mais dura, usurpação. Coordenar homens, numa equipe com mulheres e homens, e praticar uma relação horizontal é tarefa árdua. A iniciativa masculina adianta-se ao processo coletivo de troca de ideias, elaboração e decisão. É quase automático.

Nas relações em que a dinâmica competitiva tende a prevalecer, é possível perceber a diferença de tom e os significados subjacentes às palavras usadas para qualificar o comportamento de umas e outros. Por exemplo: mulheres são obsessivas, homens proativos; mulheres ansiosas, homens rápidos; mulheres inflexíveis ou duras, homens firmes; mulheres delicadas (no sentido de fracas), homens sensíveis (no sentido de perceptivos ou permeáveis)... Em suma, adjetivos atribuídos a mulheres ou a homens ganham força semântica diversa, carregados ou não dos preconceitos de gênero. São diversas as formas, às vezes escamoteadas, de desqualificar, tutelar ou invisibilizar o trabalho da mulher.

Porém existem homens que percebem todos estes mecanismos, e não os praticam.



Penso aqui o “poder do sutil” não somente associado ao gesto feminino e à prática de sociabilidades outras, mas também para apontar o tráfego – muitas vezes clandestino – de automatismos nas relações sociais de trabalho entre homens e mulheres, e também entre mulheres e mulheres. Os preconceitos de gênero e os lugares sociais cristalizados atribuídos à outra e ao outro, sempre que somos nós o “eu”, precisam passar por (auto)exame permanente. Mães e esposas conservadoras educam e endossam homens conservadores, que reproduzem ideias e comportamentos seculares do patriarcado. Não é suficiente ser contra, é preciso perceber os automatismos e não praticá-los. O mesmo acontece com o racismo: não é suficiente ser contra, é preciso ser antirracista.

Mecanismos de exclusão, depreciação e fragilização de grupos e populações têm a ver com uma questão política central: poder e submissão. Portanto, o paternalismo – incluindo o maternal – praticado de diferentes formas dentro ou fora da família, também precisa ser examinado. Racismo, homofobia, machismo e misoginia são comportamentos complementares e profundamente enraizados na nossa sociedade patriarcal escravista. A tutela também é um problema. Há um “corporativismo de gênero” que alimenta e garante o comportamento dominante masculino, sem receber maiores críticas da sociedade, e dele participam também mulheres.

A experiência individual feminina em posições de autonomia, direção e poder ganha significação social quando se amplia e multiplica, daí a importância fundamental das práticas micropolíticas.

Os diferentes movimentos e segmentos sociais (evito o termo “identitários”, por entender que o conceito de “identidade” carrega em si, ao lado da força afirmativa, uma dimensão de externalidade, de exclusão da diferença), no exercício contracultural, promovem um acúmulo de pequenas transformações no campo das relações cotidianas, ganham eficácia e convergem no eixo político e histórico comum do poder e da submissão, minando suas bases.

Na Biblioteca da EAV, a força do sutil materializa-se na atuação de mulheres – Juliana, Rubia e Tanja –, em projetos politicamente engajados e em uma dinâmica colaborativa, acolhedora e entusiasmada. No projeto Biblioteca Estufa, o exercício de criação dos elementos do trabalho, a elaboração e prática de uma ATMOSFERA, o trânsito de conversas e trocas de experiências de vida, tudo isso nos situa no campo dos pequenos gestos cheios de significado. Gestos que permitem romper a sinonímia “poder masculino”. Ali “poder” era potência de criação e denúncia, ao iluminar os fatos – expressos no número de livros de artistas e autoras mulheres – e instaurar práticas de germinação, distribuição e doação.



Ali operou uma forte energia de vida e cuidado: fecundação, germinação, crescimento... Mas também aliança, cumplicidade, alegria e graça. Enquanto nós, as mãos amigas, gerávamos os elementos físicos do trabalho – fitas de papel interpostas nas prateleiras para demarcar e destacar os livros de mulheres; coleta de sementes de diversas cores, formatos e tamanhos; modelagem dos ninhos de argila para abrigar as sementes; plantação de mudas em mini porções de terra; preenchimento dos saquinhos transparentes com a terra e as mudas –, a convivência e o partilhar da atmosfera da produção conjunta cruzavam as dimensões física e simbólica, moldando amorosamente novas formas de vida e padrões de relação e materializando o universo dos sonhos realizados.

Onde e quando operou a colaboração, o poder instaurador se exerceu livremente por todas, todes e todos. Ao final o gesto, também sutil e poderosíssimo, de espalhar...foi um prazer participar!



Biblioteca
Estufa:
uma semente
para cada
mulher autora.

2019 – 2020

Karlla Giroto

Escrito durante os primeiros meses da pandemia covid-2019

O lindo e potente trabalho de duas mulheres que se debruçaram sobre o conteúdo de uma biblioteca a fim de marcar textos, livros e produções femininas. O lindo e potente trabalho de duas mulheres que se encontraram e pensaram em mulheres, livros, sementes, floresta, terra fértil e plantas. Isso foi antes, 2019. E então, chegou no mundo *o depois*. Estamos nele. Escrevo imersa neste presente que nunca antes foi tão urgente (falando do tempo de uma vida, a minha). Arrodeei e tentei falar da vibrante e exuberante vida que o trabalho convoca. Antes de chegar na vida, passei pela morte porque aquilo que me pedem, não posso recusar – ainda mais quando o pedido vem *do lugar que eu sei que sabe*.



Revolução

*à morte, que levou tantos
e não devolveu ninguém, ainda.*

Tem um pássaro, ele é antigo porque ele está sempre onde estou, e eu sou antiga. Este pássaro me lembra que o tempo está sempre lá fora, passando – porque o canto dele é o canto do tempo. Não me ocorre entender porque fora, quando passa, não é dentro e, portanto, o pássaro canta fora e não dentro. Quem canta dentro é outro, menos agudo. Pássaro fora e pássaro dentro latem juntos enquanto engatinho embaixo da mesa para botar a tomada do computador no plug; finjo não ouvir, finjo não perceber que o tempo late esganiçado e as mortes se acumulam sob a minha janela.



Há meses que não escrevo nenhuma linha, nem um único parágrafo. Vivo sem dia seguinte, pensando nos enigmas da subserviência e dos poderes, organizando a minha raiva como aprendi com a poeta. Distraída feito um carrasco contratado, penduro a cabeça e reparo no sol e no céu, na falta de sentimento e na crescente agonia que acompanha cada gesto.

Sedenta de uma única coisa: um grito, um relâmpago, uma mudança;

O meu grau de humanidade decresce a medida em que caminho para a minha animalidade, mineralidade, vegetabilidade. Se pedra sou, se planta sou, quanto delas serve de abrigo ao pássaro que canta dentro?

O desfile daqueles que ignoram os pores de sol (escarlates, cheios de inquietação) –vestindo as suas fantasias de monstros, damas da morte, vermes de cemitério – acelera a putrefação da vida na terra. Eles se emaranham com os mortos empilhados sob as janelas, desenham a própria morte e a confundem com a vida.

Estamos a aprender a admirar o gato que vem nos saudar como a dizer, olhem para mim e não para estes velhos monstros brancos da política, olhem para mim, eu estou vivo. A morte, que levou tantos e não devolveu ninguém ainda, escuta o emudecimento das vozes dos pássaros e os silêncios da noite. Mas a morte, diferente dos monstros, damas da morte, vermes de cemitério, é antiga e reconhece o canto do pássaro, o que canta dentro e o que canta fora. Ela sabe que haverá o tempo da devolução, e a terra fértil e povoada começará a devolver em suas plantas imensas a materialidade do mundo e a fragilidade da alma.





Quais
mulheres
autoras
potencializam
suas
bibliotecas?

Mini Bios:



Fabiana Éboli Santos, carioca, vive e trabalha no Rio de Janeiro. É artista visual, curadora, organizadora de livros de arte, professora no Núcleo Volume e Espaço da EAV Parque Lage. Prêmios em poesia (Rio Arte), escultura (Faperj), Interferências Urbanas (prefeitura RJ) e publicação (Procultura MinC). Mestre em Linguagens Visuais, graduada e pós-graduada em Sociologia e Política.

Juliana Machado é formada em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação pela UFRJ. Bibliotecária desde de 2015 na EAV Parque Lage, atualmente responsável pela conservação e manutenção do Acervo Memória Lage.

Karlla Giroto é artista, professora, pesquisadora e escritora. A prática artística dela tem sido marcada por uma pluralidade de ações e efeitos, como performance, texto, objeto, instalação, vídeo e fotografia, e em especial pela criação e a abertura de processos de experimentação e produção. É mestre e doutoranda pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade PUC/SP, no curso de Psicologia Clínica.

Mariana Guimarães é artista, pesquisadora e educadora. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. É docente de Artes Visuais na CAp UFRJ e Doutora em Artes Visuais pelo PPGAV- UFRJ. A pesquisa dela está relacionada com a investigação do fio como dispositivo de mediação na arte contemporânea e educação em diálogo com práticas ancestrais de tessitura e seus inúmeros desdobramentos. Desenvolve trabalhos e pesquisas com distintos grupos em diversos territórios. Para ver os trabalhos dela, acesse: marianaguimaraes.art.br

Rubia Luiza da Silva é formada em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação pela UFRJ. Uma pessoa que ama organização e acredita na transformação através da leitura e da comunicação oral. É bibliotecária desde 2015 na EAV Parque Lage e, por amar se comunicar, acredita na troca através de conversas como desenvolvimento do ser. Entende que o papel da bibliotecária pode proporcionar um espaço para a mudança social e assim contribuir para a compreensão da realidade social a partir da disseminação de informações.



Simone Moraes, artista visual natural da cidade de Ribeirão Preto/SP, vive e trabalha entre Goiás e São Paulo, e é graduada em Educação Artística e Artes Plásticas pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP). A pesquisa dela é apoiada entre arte e ciência, além de vestígios de paisagens, estruturas orgânicas e resgates de uma memória pessoal através de registros, coletas e expedições que resultam em formas, repetições e sobreposições de distintos materiais. Desdobram-se em objetos, intervenções, colagens, desenhos, fotografias e ações. As últimas exposições individuais foram no Museu de Arte de Ribeirão Preto (MARP), Museu de Arte de Blumenau (MAB). Para ver os trabalhos dela acesse: simonemoraes.net.

Tanja Baudoin é curadora holandesa que mora no Rio de Janeiro, Brasil, desde 2015. Trabalha como professora e tradutora e está co-organizando os grupos de leitura e tradução com Tijuana atualmente. De 2019 a 2021, foi curadora na Biblioteca | Centro de Pesquisa e Documentação da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Participou na residência do CAPACETE em 2015. Anteriormente, fez parte do equipe curatorial do instituto de performance "If I Can't Dance, I Don't Want To Be Part Of Your Revolution" em Amsterdã (2010-2015). As relações entre performance e o arquivo são centrais nos projetos dela.

Ficha técnica

organizadoras

Mariana Guimarães
Simone Moraes

autoras

Fabiana Santos
Juliana Machado
Karlla Giroto
Mariana Guimarães
Rúbia Luiza
Simone Moraes
Tanja Baudoin

revisão textual e tradução

Alexandre Gonçalves

fotografia

Carolina Amorim
Gabriela Carrera

projeto gráfico

estúdio quitanda

agradecimentos

Fabiana Santos
Mariane Jilek
Bruna Costa

Créditos

página 9

Mostra coletiva “Biblioteca: Floresta”, realizada no Museu de Arte de Ribeirão Preto - Pedro Manuel - Gizmondi (MARP). Ribeirão Preto, SP, 2018.

Vista da obra na exposição biblioteca: floresta, 2018, realizada no MARP - Museu de Arte de Ribeirão Preto “Pedro Manuel-Gizmondi” - Ribeirão Preto- SP.
Fotos: Patrícia Araújo.

páginas 10 e 11

Livro da escrita livre, produzido por Mariana Guimarães e Rosa Guimarães de Macedo. O livro faz parte do projeto “Editora Umbilical” desenvolvido pela artista e sua filha. Rio de Janeiro, 2018.

páginas 12 e 13

Barbosa Rodrigues, Mariana Guimarães, 2020.
Série de bordados e aquarelas sobre ilustração botânica de João Barbosa Rodrigues, 1842-1909 – Plantas Novas Jardim Botânico Rio de Janeiro, 1842 – 1909.

páginas 14 e 15

Bordado da série “Espinhas”, Mariana Guimarães.
Marrocos, 2019.

páginas 22 e 23

“Auscultar a Seiva”. Registro de ação realizada durante Residência LabVerde. Carolina Moraes e Simone Moraes. Amazônia, 2019.
Fotos: Rogério Assis.

página 33

Lia do Rio, MAGENTA / Varredura de flores de jambo, Parque Lage, 1990.

páginas 44 e 45

Coleção de memórias “Terra sobre chão”.
Dimensões variáveis. Simone Moraes. 2017/2018

A ação consistiu em coletar terra do quintal da casa de infância da artista e formar com ela escritos de memórias no chão.

páginas 60 e 61

Bordado da série “Espinhas”, Mariana Guimarães.
Marrocos, 2019.

páginas 4, 5, 6, 16, 17, 20, 21, 24, 25, 34, 35, 37, 38, 40 e 41

Acervo Memória Lage
Fotos: Gabi Carrera.

Presentation:

Greenhouse Library (Biblioteca Estufa) is an occupation carried out in the Library | Center for Research and Documentation of the Parque Lage School of Visual Arts in October 2019. The project was born from the invitation of curator Tanja Baudoin to the artists Mariana Guimarães and Simone de Moraes who, in each of their trajectories, have been researching the relationships and approximations between art, nature, literature, and feminisms.

The work is based on different experiences of the artists in previous projects realized separately, such as Absent Library (Biblioteca Ausente) by Simone Moraes held in 2019 at the Museum of Art of Ribeirão Preto Pedro Manuel-Gismondi (MARP) and greenhouses (estufas) by the artist Mariana Guimarães.

Absent Library was a work by the artist Simone Moraes, within the director Nilton Campos' project and with MARP's inventory, cleaning and cataloging books teams. This is an artist residency at MARP, with books from the Pedro Manuel-Gismondi's library, curated by Galciani Neves and Nilton Campos. Noticing the absence of female authors in the library, less than 5%, and with the aim of filling this lack, Simone Moraes invited female artists who participated in the exhibition Library: Forest (Biblioteca: Floresta) to point out books by female writers and artists. So these books were secretly infiltrated into the collection.

Among Mariana Guimarães' research, the relationships between weaving, women and the earth are addressed. Thus, it is present not only in formal investigations, but above all, in the cartography of the forces that make up this triad, seeking echoes and resonances in the dialogue between the visual arts, education and clinical practice. In her observations, the thread is the device for mediation and dialogue, presenting itself as a biological technology.

The yarn is a moving seed, it expands and branches in the woven fabric. It is an action that articulates heterogeneous elements

in study, allowing tension of countless reflexive possibilities and distinct experiences with the investigated object. In this occupation, they sought to create tension between the text, the weaving, the woman and the earth, through experiences of building small greenhouses and planting seedlings installations. It is worth mentioning that these greenhouses were assembled for the first time at the Dissected (Dissecada) exhibition, held in 2018 at Ateliê 456 in Gávea. In a proposal mediated by the curator Keyna Eleison, a group composed of 14 female artists had as premise the study and collective discussion for a month on issues related to gender-based violence and feminism. The work is born from this dialogue between the women's relationship, the land, the transformation processes, germination and the activation of new existences. The first mediations between the artists were realized through dialogue with Keyna, who at the time was the education coordinator of the Parque Lage School of Visual Arts (EAV). The proposal consisted of realizing individual projects by each artist, elaborated over a week, in collaboration with each other, and also with the curator, the Library staff and a call for women.

Simone Moraes, with collaboration of Mariana Guimarães, listed books and catalogs from the School of Visual Arts (Escola de Artes Visuais - EAV) Library written or edited by women. From the inventory of 10,000 titles, only 636 books written or organized by women were identified. Less than 7% of the total. The titles were marked on the shelves by the authors' first name written on plant classification labels, creating an intervention on the shelves, pointing out the presence of women among the predominance of men.

Likewise, Mariana Guimarães received the support of the artist Simone Moraes to produce small installations in the Library and in the external area of EAV, creating landscapes by installing greenhouses, plantations and flowers throughout spaces. In the artist's understanding, plants and seeds teach us about

flexibility and resistance from decentralized and collaborative structures, pointing out paths and responses to new ways of being and thinking.

After data collection from the books, 636 native seeds in the Atlantic Forest were picked in the surroundings of Parque Lage and made as small seed bombs for an action in a green area with participation of children and other women. Thus, they threw seeds and symbolically summoned the germination of spaces. The action was conceived by the little Rosa Guimarães.

The activity of to auscultate the tree saps, by Carolina Moraes and Simone Moraes, was also carried out. In this way, we dialogue with different species to imagine a future that summons to libraries, bibliographies, art and life so many other powerful women who are made invisible by a dominant capitalist, colonial, misogynistic and racist system.

We believe in collective production to make people see, embody and institute policies in the micro and macro to change collections, catalogs, relationships, affections. Plant seeds to see new forests grow, more diverse, plural and thus breathing a possible air for another future.

We revealed some data, shared collective moments cataloging books, making greenhouses, and dialoguing with other participants who were willing to be with us, such as the artist and writer Fabiana Santos and many other women. Together in a circle, we reflected together with the institution, and with the presence of artist Karlla Giroto, on the paths to a possible future, talking about our lived experience.

We would like to thank the Parque Lage School of Visual Arts, the Library staff, Tanja Baudoin for the generous welcome and also the librarians Juliana Machado and Rubia Luiza.

The last two pointed out different questions about cataloging of artists' books and the collection formation, contributing a lot to reflections about that data. We also would like to thank Fabiana

Santos, Karlla Giroto and all the women who have collaborated with this action.

We sow seeds!

Mariana Guimarães

Simone Moraes

Flower arrangements and books

I am looking at a photo of Simone Moraes arranging jambeiro flowers that dropped on the ground at Parque Lage. It reminds me of another image of an arrangement of flower petals made 30 years earlier in the same place by the artist Lia do Rio. Lia made several works at the School of Visual Arts (Escola de Artes Visuais - EAV) at Parque Lage, many of them ephemeral site-specific installations, made with organic materials and that deeply linked art to the natural world. The two photos, side by side, make me think of the subtle ways in which artists can draw attention to what is already around us and just needs to be noticed.

I imagine that, for Simone, organizing those flowers in line was a simple gesture of connecting with what she found in the park. Just a moment to gather her thoughts while she spent time there. She was there to work with Mariana Guimarães, with whom she conceived the project Greenhouse Library (Biblioteca Estufa). The project was kind of a residency, a ten-day occupation at the Library | Center for Research and Documentation of the Parque Lage School of Visual Arts that linked it to the park with the aim of building an intimate dialogue between the women writers present in the book collection and the flower species present in the surroundings.

During this period, Simone and Mariana articulated several micro-actions: they created small installations of seedlings, seeds, embroidery, posters, drawings, flowers and micro-greenhouses in the Library between the shelves and also on top of them, on a table and also on the porch. Together, in the afternoon we organized a collective inventory of books written by women in the EAV art book collection. With an open call to "helping hands", we formed a group of women and counted the books written and edited by women. We wrote the names of these women on small signs, used to identify plants, which we put in between the books. Although there are many books written about women artists, the ones written and edited by women represent only about 6% of the total book collection. We talked about the reasons for this and how this information can trigger future research for the Library. This was the subject of a conversation on the porch on the final day of the project, with Karlla Giroto's special participation. This meeting put Simone and Mariana's activities in the foreground and ended with a sensitizing exercise of auscultating the trees and with a collective distribution of 636 seeds collected in the park. Each seed represented one of the female authors of the Library, and returning them to the park expressed a collective desire to celebrate the flourishing future of women's editorial efforts.

The project was part of a comprehensive research project that took place at the Library during the second half of 2019 called *Hosting Eco-Sensorial (Hospedando Eco-Sensorial)*. This was developed from an exhibition made at the EAV Parque Lage in 1992, called *Eco-Sensorial - urban extraction (Eco-Sensorial - extrativismo urbano)*. It had originally taken place at the same time as ECO-92, the United Nations Conference that happened in Rio de Janeiro that year. ECO-92 not only brought together world leaders to discuss environmental problems, but also social associations, including indigenous groups and the women's movement, which came together in several new initiatives. It was also a fundamental moment in which artists became involved with environmental issues. The artists at the exhibition at EAV

Parque Lage understood the city and the natural environment as inextricably linked, and approached the urban landscape as a generous reserve from which to draw inspiration to make their works of art.

"To host" in the Library some of the archival materials of this 1992 exhibition and the themes it contemplated was a way of exploring narratives and views of the world that developed in parallel to those hegemonic at a time when ecological issues are even more urgent. There was a small exhibition and, on the porch, several rounds of conversations with invited speakers.

The Greenhouse Library (*Biblioteca Estufa*) was an important part of this project that managed to establish direct relations between the park and the Library as two interconnected spaces for learning and exchange. By linking these places as part of an ecology of empathy, ecology, essentialist notions of nature and culture were questioned as distinct categories. After all, if the park represents "nature", just remember that Parque Lage itself is made by men, designed following the example of European gardens, and for that reason it is as cultural as the Library itself. In addition, the Greenhouse Library addressed the issue of gender equality as part of broader environmental and social concerns. An ecofeminist approach resonating with the feminist debates that were part of the ECO-92 meetings years ago. The gaps in the Parque Lage's book collection constituted a case study for a critical discussion about the absence of women elsewhere, in the field of art and in society in general. At the same time, due to the project's acknowledgment of the Library as part of an ecological relationship, the potential beyond the physical location and the ways in which the collection could develop in the future were also considered.

As you pass along the bookshelves of the EAV Library, you can see that it displays traces of its own history and growth, like tree rings. Most books are arranged chronologically according to the moment they entered the space, which gives an idiosyncratic

impression of the history of donations received over the years by people who have passed through the school. In addition to this curious fact, the Library follows all organization principles of a regular library: each book has its own place on the shelf, with a number that corresponds to a digit in the catalog. It is a stable but rigid format that is part of the modern classification system, founded on the human impulse to organize the environment. We now recognize this as a predominantly Western and patriarchal principle that often manifests itself in an oppressive or destructive way. The book collection, therefore, reflects a predominance of male authors, male artists and an art history told from the European and North American perspective. Together with artists and researchers like Simone and Mariana, the Library staff tries to create other possible readings of the collection. A deeper aspect of these efforts also includes questioning the system itself and the roots that support it.

These thoughts come to mind when I look at those flower patterns on the floor of Parque Lage, made first as a work of art by Lia do Rio and echoed by Simone Moraes years later. Both exhibit this human intuition to bring order to the chaotic environment, but in a completely different way from the dominant systems. Their way is ephemeral and porous, a possible positioning of what they found as they arrived at the park. As well as the many historical examples of land art practices by women artists, who tend to develop works that are less invasive and more integrated with the natural place than male colleagues' works. The word "arrangement" comes to mind, as used by artist Louise Lawler to describe photographic compositions of art works that she finds in people's galleries and homes.

For her, an "arrangement" is a subjective framework or a reading of a scene. The word suggests a possible organization among other possibilities, as well as a consideration of the harmony of the different elements brought together. Can we imagine the flower arrangement as a model for a collection of books? What would that look like? The Greenhouse Library planted the seed of that thought among many others.

Tanja Baudoin

The Parque Lage School of Visual Arts Library as an integration space

The Library | Center for Research and Documentation of the Parque Lage School of Visual Arts does not have a record of its creation history. There are only three books of historic landmarks that indicate the operation at the time of the IBA (Instituto de Belas-Artes). The first of them, entitled Institute of Fine Arts: Library: Registration of books and magazines, covers the period from 1957 to 1960.

Through reports recovered by the project Lage Memories (Memória Lage), carried out in 2014, it is believed that the first library located in the Parque Lage was originally created by the association of Augusto Frederico Schmidt's friends (1906-1965).

According to the newspaper articles, he was a modernist poet from Rio de Janeiro who liked to go to the Park to be inspired to write books.

When the foundation of the School of Visual Arts (Escola de Artes Visual - EAV) at Parque Lage was born with Rubens Gerchman in 1975, the EAV Library remained in place, there are no records

of former librarians or activities realized in this period. What is known are the physical movements of the Library collection, which has already passed through the drawing classroom and the palace's auditorium.

In 2014 the building was assigned to the administration of a Social Organization, under the direction of Márcio Botner and curatorship of Lisette Lagnado. From this period, a project for the renovation of the EAV Library begins, while there is an investment in the team to improve access to the collection of the Library. Since 2015, the library is thought of as a cultural space, in which the space, that was only accessible by appointment before, becomes accessible to the general public. Thus offering an autonomous space designed to provide visitors, both from the school and the external public, experiences that motivate curiosity to seek information and knowledge through reading and activity.

With the mission of promoting numerous educational socio-cultural activities, linked to contemporary visual arts, such as lectures, open classes, courses, open conversations, reading clubs, performances, installations etc., the EAV Library also starts from the idea of disseminating information from the Library content access.

The EAV Library is specialized in visual arts focusing on modern and contemporary art. It is based on the principle of allowing permission to interact with the collection in general, where consultation is freely accessible. This conception of not creating impediments to accessing books is part of Paulo Freire's influence. He says: "Any interference action - carried out by the information professional -, direct or indirect; conscious or unconscious; singular or plural; individual or collective; that

provides for the appropriation of information that fully or partially satisfies an informational need" (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 92 apud ARAÚJO, Carlos Alberto A., 2018, p.57).

In addition to our inventory of catalogs, books, periodicals, folders, there is also a small collection of artists' books. The collection of these books from the School of Visual Arts of Parque Lage is small and relatively new. It began in 2016 with the curatorship of Ana Luiza Fonseca and has free access to the shelves with the idea that the public can touch and interact with the works.

Stephen Bury (1995) argues that "artists' books are books or objects in the form of a book; over which, in the final appearance, the artist has a great deal of control. The book is understood in itself as a work of art. These are not books with reproductions of works by artists, or just a text illustrated by an artist. In practice, this definition breaks down when the artist challenges it, pulling the book format in unexpected directions". In a simplified way, the artist's book is an object in constant change, it has no limits, the parameters are determined only by the artist's imagination.

For a librarian, approaching descriptively and in an accessible way a book by an artist, is often challenging. Identifying if it is not just a different act of cataloging, as it does not have rules for its publication, cataloging is always a unique process.

We believe that giving access to these titles is important, despite all the complexity of the material, it is also the librarian's role to stimulate critical thinking. Therefore, it is essential to highlight the potential of artists' books to the educational process.

Juliana Machado and Rubia Luiza da Silva

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que é Ciência da Informação. Belo Horizonte: Kma, 2018. 126 p. Available at: <http://casal.eci.ufmg.br/>. Accessed on: 23 feb. 2021.

BURY, Stephen. Artists' Books: The Book As a Work of Art, 1963-1995. Scholar Press, 1st edition. Leicester, England; 1995.

Impressions of a quest – a political view

In many cultures in the East, there is an idea of the power of the subtle, a force that operates through constancy and the firmness of intention, not always associated with the feminine universe. This first sensation-association with the Greenhouse Library, by Mariana and Simone, is due to the work proposal and the powerful practice of collaboration. Repetition and resilience in a series of actions designed to move energies of transformation.

I was one of the “helping hands”, invited to participate in the process of taking, inside the School of Visual Artes (Escola de Artes Visuais - EAV) Library, a close look at the literary and artistic production of women. To – literally – plant the idea, the initial action was to highlight female-authored books, amidst an overwhelming majority of male-authored books in the library collection.

For all of us who work in the visual arts circuit, living with the dominance of men and, often, with misogyny - especially when women are in a position of macro or micro power - this majority is a symptom.

Time and again we find ourselves between the “permission” for a supporting role and the veiled or explicit protagonism prohibition. There is a lack of ceremony, so to speak, in the appropriation of women’s work by men. In a harsher word, usurpation. Coordinating men, in a team with women and men, and practicing a horizontal relationship is an arduous task. The male initiative advances the collective process of exchanging ideas, elaboration and decision. It’s almost automatic.

In relationships in which competitive dynamics tend to prevail, it is possible to perceive the difference in tone and meanings

underlying the words used to qualify the behavior of both. For example, women are obsessive, while men are proactive; anxious women, fast men; inflexible or hard women, firm men; delicate women (meaning weak), sensitive men (meaning perceptive or permeable)... In short, adjectives attributed to women or men gain different semantic meaning, loaded or not with gender prejudices. There are several ways, sometimes hidden, to disqualify, police or make women’s work invisible.

But there are men who understand all these mechanisms, and do not practice it.

I think here the “power of the subtle” is not only associated with the feminine gesture and the practice of other sociabilities, but also to point out the traffic - often clandestine - of automatisms in social work relations between men and women, and also between women and women. Gender prejudices and the crystallized social places attributed to one or to another, whenever we are the “I”, need to undergo permanent (self)examination. Conservative mothers and wives educate and endorse conservative men, who reproduce secular ideas and behaviors of patriarchy. It is not enough to be against it, it is necessary to understand the automatisms and not practice it. The same is true of racism: it is not enough to be against it, you must be anti-racist.

Mechanisms of exclusion, depreciation and weakening of groups and populations have to do with a central political issue: power and submission. Therefore, paternalism - including maternal - practiced in different ways within or outside the family, also needs to be examined. Racism, homophobia, sexism and misogyny are complementary behaviors and deeply rooted in the patriarchal slave system. Tutelage is also an issue. There is a “gender corporatism” that fuels and guarantees male dominant behavior, without receiving major criticism from society, and women also participate in it.

The individual female experience in positions of autonomy, direction and power gains social significance when it expands and multiplies, hence the fundamental importance of micropolitical practices.

The different movements and social segments (I avoid the term "identity", as I understand that the concept of "identity" carries in itself, alongside the affirmative force, a dimension of externality and exclusion of difference), in the counterculture exercise, promote a accumulation of little transformations in the field of daily relations, gain effectiveness and converge on the common political and historical axis of power and submission, undermining their bases.

At EAV Library, the power of the subtle materializes in the performance of women – Juliana, Rubia and Tanja – in politically engaged projects and in a collaborative, welcoming and enthusiastic dynamic. In the project Greenhouse Library, the exercise of creating work elements, elaboration and practice of an ATMOSPHERE, the transit of conversations and exchanges of life experiences, all of this placed us in the field of small gestures full of meaning. Small gestures allow us to break the "male power" synonymy. There, the "power" was a power of creation and denunciation, by highlighting the facts - expressed in the number of books by women artists and authors - and establishing practices of germination, distribution and donation.

There operated a strong life energy and care: fertilization, germination, growth... But also alliance, complicity, joy and grace. While we, the helping hands, generated physical work elements - paper tapes interposed on the shelves to highlight women's books; collecting seeds of different colors, shapes and sizes; modeling clay nests to house seeds; planting seedlings in mini-plots of land; filling transparent bags with earth and seedlings -, the coexistence and sharing atmosphere of joint production crossed physical and symbolic dimensions, lovingly molding new forms of life and relationship patterns, materializing the universe of accomplished dreams.

Wherever and whenever collaboration operated, its establishing power was exercised freely by everyone. In the end, the gesture, also subtle and very powerful, of spreading...

It was a pleasure to have participated!

Fabiana Éboli Santos

2019 – 2021

*Written during the first months
of the Covid-19 pandemic*

The beautiful and powerful work of two women who pored over the library content in order to mark texts, books and productions by women. The beautiful and potent work of two women who met and thought of women, books, seeds, forest, fertile land and plants. That was before, 2019. And then, the after arrived in the world. We are in it. I write immersed in this present that has never been so urgent before (speaking about the time of a lifetime, which is mine). I walked around and tried to talk about the vibrant and exuberant life that work calls for.

Before I got to life, I went through death because that's what I was asked for, I couldn't refuse - especially when the request comes from the place I know it knows.

Devolution

to death, which took so many
and hasn't returned anyone yet.

There is a bird, it is old because it is always where I am, and I am old. This bird reminds me that time is always outside, passing by - because his song is the song of time. It doesn't occur to me to understand why outside, when it passes, it is not inside, and therefore the bird sings outside and not inside. Whoever sings inside is someone else, less sharp. Bird outside and bird inside bark together while I crawl under the table to plug the computer into the outplug; I pretend not to hear, I pretend not to notice that time is squeaky and deaths pile up under my window.

I haven't written a line, not a single paragraph, for months. I live without the next day, thinking about the riddles of subservience and powers, organizing my anger as I learned from the female poet. Distracted like a hired executioner, I hang my head and notice the sun and the sky, the lack of feeling and the growing agony that comes with each gesture.

Thirsty for one thing: a scream, a lightning bolt, a change;

My degree of humanity decreases as I move towards my animality, minerality, vegetability. If I am a stone, if I am a plant, how much of those serve as shelter for the bird that sings inside?

The parade of those who ignore the sunsets (scarlet, full of uneasiness) - wearing their costumes of monsters, death ladies, graveyard worms - accelerates the putrefaction of life on earth. They become entangled with the dead piled under the windows, draw their own death and confuse it with life.

We are learning to admire the cat that comes to greet us as if to say, look at me and not at these old white monsters of politics, look at me, I am alive. Death, which took so many and has not returned anyone yet, hears the muted voices of birds and the silences of the night. But death, unlike monsters, death ladies, graveyard worms, is old and recognizes the song of the bird, the one that sings inside and the other that sings outside. She knows that there will be a time for devolution, and the fertile and populated land will begin to return in its immense plants the materiality of the world and the fragility of the soul.

Karlla Giroto

Ficha catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Biblioteca estufa / Fabiana Éboli Santos...

[et al.] ; organização Mariana Guimarães,
Simone Moraes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro :
Ed. dos Autores, 2022.

Outros autores : Juliana Machado, Karlla Giroto,
Rubia Luiza, Tanja Baudoin.

ISBN 978-65-00-51349-3

1. Artes visuais 2. Feminismo 3. Fotografias 4. Literatura brasileira 5. Mulheres
na literatura 6. Natureza I. Santos, Fabiana Éboli. II. Machado, Juliana. III. Giroto, Karlla.
IV. Luiza, Rubia. V. Baudoin, Tanja. VI. Guimarães, Mariana. VII. Moraes, Simone.

22-124702

CDD-778.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Natureza : Fotografia 778.93

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Ocupação realizada no mês de outubro de 2019 na
Biblioteca da Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

Publicação foi impressa em 2022, usando as fontes
Din Alternate e Cedarville, muitas sementes e estufas.